

ISABEL STILWELL

D. MANUEL I  
DUAS IRMÃS PARA UM REI

 Planeta

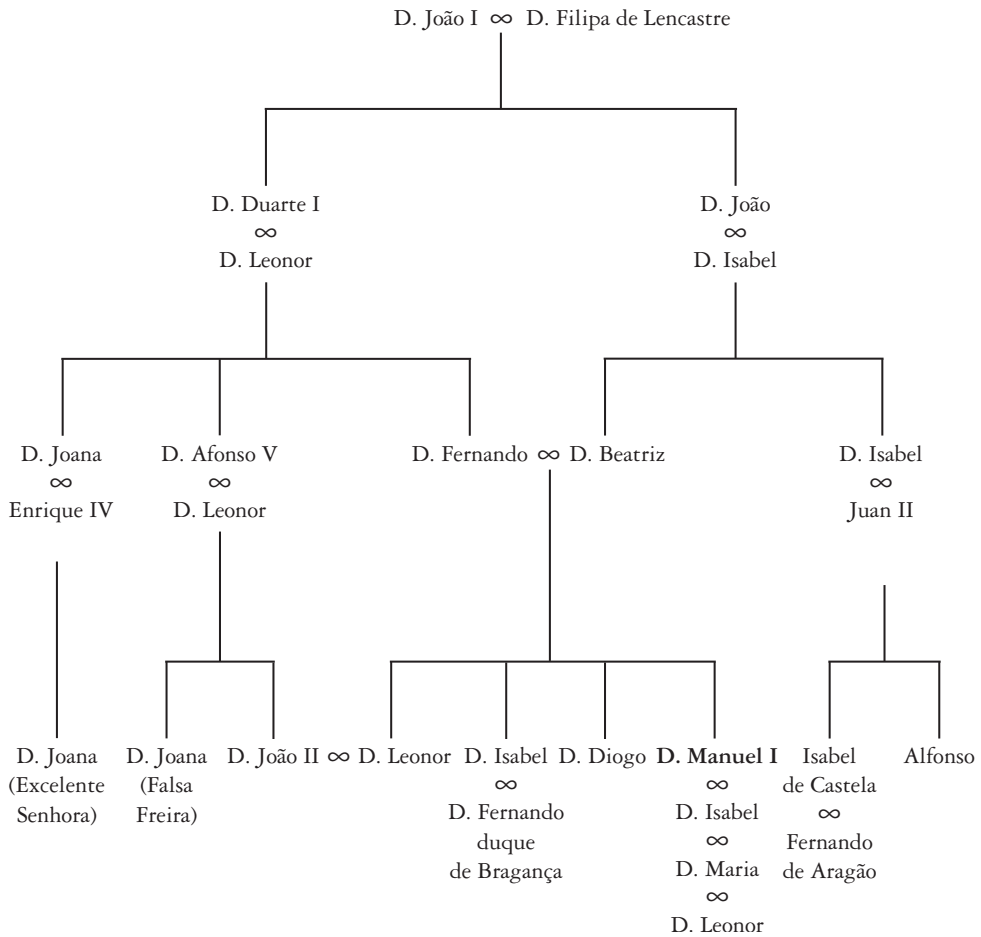
Para o Luciano, princípio e fim  
de todas estas aventuras.



# ÍNDICE

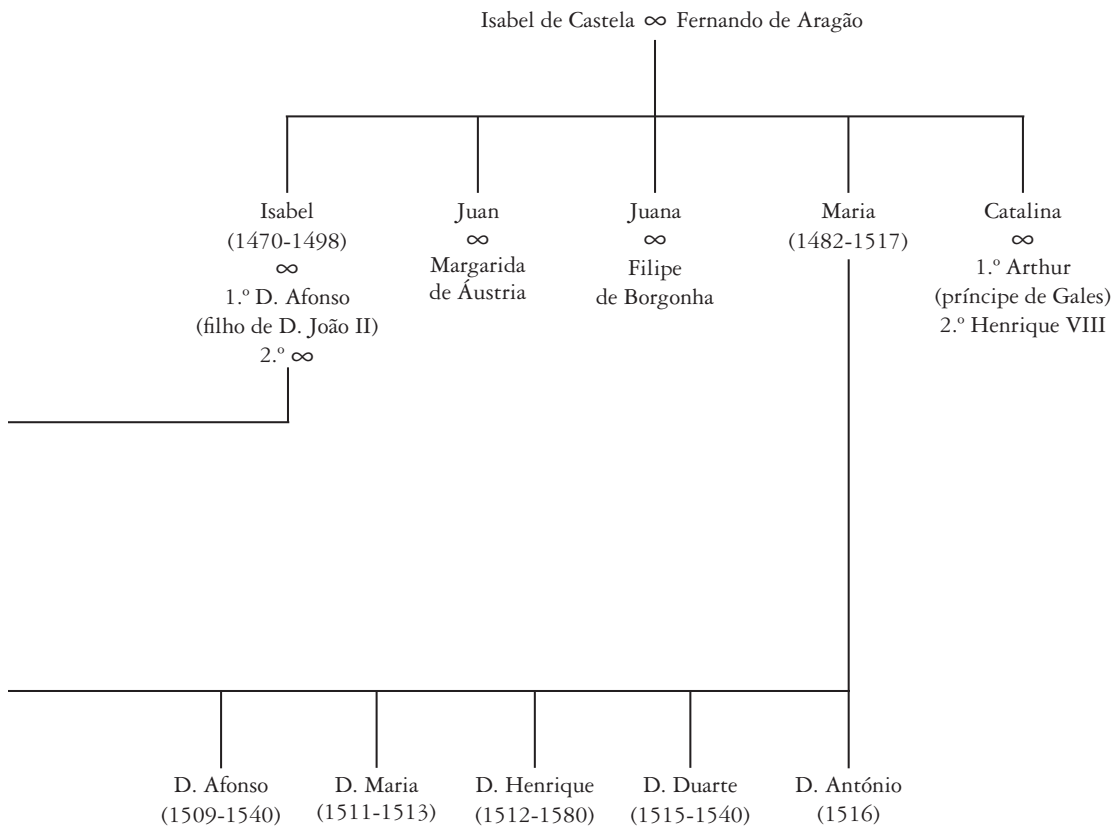
Árvores genealógicas	11
Prólogo	15
I PARTE	
AS TERÇARIAS DE MOURA PRÍNCIPES E REFÉNS	19
II PARTE	
o DUQUE A ARTE DE DISSIMULAR	175
III PARTE	
SPERA MUNDI ESPERANÇA DO MUNDO	273
IV PARTE	
Por fim, o Trono «A DEUS NO CÉU, AO REI NA TERRA»	325
V PARTE	
Imperador do Oriente FORTUNA NO MAR E NO AMOR	399
Epílogo	624
<i>Dramatis personae</i>	626
Bibliografia	636





D. Manuel I  
(1469-1521)









## PRÓLOGO

Convento de Santa Clara, coro alto, Coimbra,  
15 de novembro de 1480

Manuel recuou um passo, procurando a sombra da coluna, fugindo do olhar de Joana, da sua voz, da traição final que ali lhe faziam. Observava como a prima mordia o lábio com força, procurando conter a raiva contra frei Fernando de Talavera, o confessor da sua maior inimiga, a rainha Isabel de Castela, enviado para se certificar de que, aos 18 anos, era enclausurada para sempre.

— Porque escolheu professar? — perguntava-lhe o frade.

Joana não respondeu imediatamente. Inspirou fundo e olhou em redor, procurando entre os presentes o rosto do rei seu marido. Mas D. Afonso V não viera.

Os olhos verdes pararam, demoradamente, acusadores, no rosto do príncipe D. João, herdeiro de um trono que, na prática, já era seu. Era ele o seu algoz. A mando da Usurpadora.

Joana voltou a fitar frei Fernando e por fim dignou-se a responder:

— Professo porque a vida me ensinou que tudo o resto é transitório: os estados reais, o casamento, a prosperidade. O amor deve ser reservado apenas para Deus. Só Deus não nos trai.

A expressão do enviado de Castela manteve-se indecifrável e, com o cuidado de evitar qualquer título que pudesse indicar a verdadeira majestade da jovem que se ajoelhava aos seus pés, insistiu:

— A senhora D. Joana confirma que é decisão da sua total e livre vontade, sem pressão alguma de ninguém?

Manuel deu mais um passo atrás. Sentia vergonha. Todos eles, todos os que aqui estavam hoje, tinham beijado a mão a esta rainha, reconhecendo-a como herdeira legítima, não só do trono de Castela, como rainha de Portugal, por casamento com Afonso V. Mas, após a batalha de Toro e a guerra da sucessão, fora obrigado a negociar a paz com o reino vizinho. Com relutância deixara cair o título de rei de Castela, com que cunhara moedas, permitindo que a sua legítima esposa, pouco mais do que uma criança, fosse encerrada num convento, negando a promessa feita de defender o seu direito ao trono e de nunca a exilar do reino em que nascera. E agora nem comparecia, fugindo a confrontar-se com a rainha num hábito de estopa grossa,

despida dos veludos da Flandres bordados a ouro e dos finos brocados, o cabelo dourado cortado curto, como o de uma rapariga do campo.

Vitoriosa, a poderosa e indomável Isabel de Castela podia fazer todas as exigências. E eliminar «a filha da rainha», como ostensivamente lhe chamava, era a primeira, obrigando-a a tomar votos, renunciando assim a ter filhos que um dia pudessem vir a reclamar o que não lhes pertencia.

Joana cumprira o noviciado nas clarissas de Santarém na esperança de que um ano depois a deixassem recusar o hábito, mas 365 dias passados, à hora, confrontava-se com o confessor da sua inimiga, notários e escrivães para que tudo se processasse sem falhas que pudessem, mais tarde, ser alegadas para declarar o ato nulo. Que não voltassem sem que a Muchacha estivesse fechada e bem trancada entre as paredes da clausura.

Manuel sabia tudo isto, conhecia a tragédia de cor e salteado, crescera ao lado desta rapariga tão decidida e rebelde, por vezes ridiculamente altiva para a idade, mas admirável na determinação de lutar pela sua herança real.

Aflito, virou-se para encarar a mãe, Beatriz, duquesa de Viseu e Beja, a mulher mais admirável que conhecia. Também era seu este plano, «o único possível», ouvira-a reafirmar, ainda ontem.

Fernando de Talavera voltou a levantar a voz:

— Confirma que é da sua total e livre vontade, sem pressão alguma de ninguém, que quer dedicar inteiramente a sua vida a Deus, renunciando ao mundo?

Joana permanecia muda, mas sem baixar os olhos. Manuel viu o rosto crispado do jurista e diplomata Rui de Pina, juraria que a sua mão tremia, enquanto transcrevia para o pergaminho tudo o que aqui se dizia. Teria registado também que de entre as damas e criadas de Joana houve uma que não controlou um grito, a que se juntou o choro compulsivo de outras, recusando que a sua senhora, a sua linda rainha, fosse sepultada em vida?

Pelo canto do olho reparou que o príncipe se agitava, preparando-se para intervir. As fúrias do seu cunhado reconheciam-se facilmente, eram como uma onda que crescia até formar uma espuma espessa que cobria tudo ao quebrar na praia. Não se enganava. João saíra do seu lugar e aproximara-se de Joana, tomando as mãos da sua «madrasta menina».

— Yo la Reina — sibilou Joana.

Manuel espantou-se com a sua coragem.

João permanecia imperturbável. Fingiu não ter ouvido, falando-lhe baixo, de uma forma bondosamente fria, na sua voz nasalada, irritantemente lenta, mas infinitamente sedutora.

«Bondosamente fria», pensou Manuel, era esse o termo, porque as palavras de João eram sempre simultaneamente calorosas e ameaçadoras, não conhecia mais ninguém assim.

Manuel estava demasiado longe para conseguir entender o que dizia, talvez lhe confidenciasse que tudo aquilo não passava de um faz de conta

para castelhano ver, lhe garantisse que em breve escaparia dali, e a verdade é que Joana parecia hipnotizada e sossegava, deixava-se ir, perdia o controlo, permitindo que as lágrimas lhe caíssem pela cara, esfregando-as logo com impaciência, com as suas mãos tão finas e delicadas.

Joana vivera desde sempre entre disputas, raptos e contrarraptos, amigos que se tornavam inimigos, e cedo percebera que a chamavam de filha bastarda, insinuando que Enrique IV de Castela não era o seu pai. «Mentem», vociferara a mãe, e a mãe não mentia. Fora jurada em vida do pai, e era o seu nome que constava no seu testamento.

Mas a mãe nunca desistira dela, procurando aliados entre a nobreza, casando-a aos 13 anos e três meses com um tio, trinta anos mais velho do que ela, o rei de Portugal. Gritara-lhe quando fugira do leito conjugal, enfiando-a nele à força, para que Afonso a penetrasse até que o sangue tingisse o lençol, exibido à porta do quarto. O casamento estava consumado. Não diriam que um filho que crescesse no seu ventre não era filho de rei, como acontecera com a sua mãe. De pouco servira a prova, porque os mesmos que o tinham visto negavam agora tudo. Desprezavam o seu sacrifício, a repugnância que engolira, porque era rainha, e as rainhas não se queixam. Quando a mãe morrera subitamente, deixara-a refém desta família que se dizia sua, mas que a atraíçoaava, fazendo desaparecer documentos e bulas papais, conspirando com a rainha Isabel para declarar o seu casamento nulo, inventando razões para que não lhe restasse sequer o título de rainha de Portugal. Manuel sabia tudo isto pela sua ama, Justa Rodrigues, que acreditava que a verdade era para todas as idades.

Joana cerrava os dentes com força e, livrando-se do feitiço de D. João, quis saber:

— Onde está o rei, meu marido?

Mas o príncipe não ia deixar fugir assim a sua presa. Aplacou o nervosismo de Fernando Talavera, pedindo-lhe mais um minuto. E voltou aos seus sussurros encantados.

Quando Manuel a voltou a encarar, trocaram um olhar rápido, fugidio, ela quase lhe sorriu, como se lhe pedisse que não se afligisse, que estava tudo bem. Mas Manuel sentiu-se como São Pedro, quando por três vezes negara conhecer Jesus. Foi de cabeça tombada sobre o peito que, por fim, a ouviu dizer alto, numa voz firme:

— Sim, é de minha livre vontade que escolho professar.

Falava para benefício de frei Fernando, e para os cronistas de ambos os reinos, que passariam a sua frase a escrito como convinha a uma crónica previamente comprada pelos senhores que lhes pagavam o soldo. Mas Joana sabia, assim como Manuel, que a sua história não acabaria aqui.

O véu negro desceu-lhe sobre o rosto e, quando a grade finalmente caiu atrás da rainha monja, como a pedra sobre a entrada do sepulcro, o choro da sua corte era convulsivo. Não se conformavam.

Manuel ouviu o suspiro fundo da mãe. A duquesa sabia que, a partir de hoje, Joana passaria a constar nos documentos da chancelaria apenas como «Excelente Freira» ou «Excelente Senhora», mas estava viva, e o príncipe não permitiria que a peçonha lhe chegasse, intimidado por Afonso V, que o ameaçara com uma maldição perpétua se alguma coisa lhe acontecesse. Todos tinham de desempenhar a sua parte por um bem maior, para paz e sossego de Portugal e Castela, pelo fim de uma guerra que tanto sangue derramara. Manuel também cumpriria a sua.

A duquesa debruçou-se e beijou o cabelo claro do seu filho mais novo, aconchegando-o junto a si. Velaria para que fosse mais afortunado do que esta pobre criatura. Sorriu para consigo mesma. A fiar na ama, não havia outro com um destino tão glorioso quanto o dele. Emanuel, Deus connosco. E esperava dele grandes coisas.